

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Hugo Alessandro da Silva Terra – 3502552

TEOLOGIA EM TRANSFORMAÇÃO

O impacto das mudanças culturais nas crenças religiosas na sociedade contemporânea

Macaé, RJ

2025

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Hugo Alessandro da Silva Terra - 3502552

TEOLOGIA EM TRANSFORMAÇÃO

O impacto das mudanças culturais nas crenças religiosas na sociedade contemporânea

Trabalho de conclusão de curso apresentado á Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidade da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia. Professor(a) orientador(a): Esp. Emilio Sandro Mesquita Peçanha

Macaé, RJ

2025

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Hugo Alessandro da Silva terra

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras,
Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção
do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado APROVADO com nota 90.

Prof. Especialista Emilio Sandro Mesquita Peçanha
PROF. ORIENTADOR – UNIGRANRIO

Prof. Dr. Marcio Simão de Vasconcellos
UNIGRANRIO

Prof. Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha
UNIGRANRIO

Macaé - RJ

2025

Resumo:

Este trabalho analisa a religião como um sistema cultural responsável pela organização e transmissão de significados que orientam a compreensão da realidade e o comportamento humano. A investigação aborda a dimensão simbólica das práticas religiosas, considerando a forma como narrativas, rituais e representações estruturam modelos de interpretação e influenciam a construção de identidades. Ao tratar a religião como matriz de sentido inserida nas dinâmicas socioculturais, o estudo evidencia seu papel na mediação entre indivíduo e mundo, destacando sua função na produção, manutenção e transformação dos referenciais culturais que orientam a ação social.

Palavras-chave: Religião; Sistema cultural; Significados; Narrativas; Rituais; Identidades.

Abstract:

This study analyzes religion as a cultural system responsible for organizing and transmitting meanings that guide the understanding of reality and human behavior. The investigation examines the symbolic dimension of religious practices, considering how narratives, rituals, and representations structure interpretive models and influence the construction of identities. By approaching religion as a matrix of meaning embedded within sociocultural dynamics, the study highlights its role in mediating the relationship between the individual and the world, emphasizing its function in the production, maintenance, and transformation of the cultural frameworks that orient social action.

Keywords: Religion; Cultural system; Meanings; Narratives; Rituals; Identities.

Introdução:

A compreensão da religião enquanto sistema cultural constitui um campo de investigação fundamental para analisar os processos pelos quais sociedades constroem, organizam e legitimam significados. A religiosidade, ao operar por meio de símbolos, representações e práticas socialmente compartilhadas, estabelece quadros interpretativos que orientam a percepção da realidade, influenciam comportamentos e moldam formas de vida. Nesse sentido, o estudo da religião ultrapassa a dimensão estritamente doutrinária ou institucional, inserindo-se no âmbito das ciências humanas como fenômeno complexo, estrutural e constitutivo das dinâmicas culturais.

A abordagem adotada neste trabalho parte da perspectiva de que a religião desempenha uma função essencial na articulação entre indivíduo e mundo, ao fornecer categorias de interpretação, modelos de compreensão e estruturas de sentido capazes de conferir coerência à experiência humana. A análise do fenômeno religioso, portanto, demanda uma leitura que considere tanto sua dimensão simbólica quanto sua inserção na vida cotidiana, uma vez que crenças, rituais e narrativas não apenas expressam valores coletivos, mas também orientam práticas e legitimam formas específicas de agir.

Nesse contexto, o presente estudo propõe-se a examinar a religião como um sistema de significados culturalmente produzido, enfatizando seu papel na constituição da realidade social e na formação de identidades. A investigação concentra-se na forma como elementos simbólicos operam como mediadores entre o sujeito e o mundo, estruturando percepções, sustentando visões de mundo e configurando modos de ação. Assim, a religião é tratada como matriz interpretativa que, ao mesmo tempo em que reflete a cultura na qual está inserida, contribui para sua manutenção, transformação e reprodução.

Este trabalho se desenvolve a partir de uma análise técnica e interpretativa do fenômeno religioso, buscando compreender como as representações simbólicas moldam significados e orientam práticas humanas. A proposta consiste em evidenciar a religião não apenas como expressão de espiritualidade, mas como dispositivo cultural de alta complexidade, indispensável para o entendimento das formas pelas quais os indivíduos constroem e habitam o mundo.

Pontos relevantes sobre o tema em:

Clifford Geertz

Geertz em sua obra "A Interpretação das Culturas", enfatiza que a religião é uma parte essencial da cultura¹. Ele analisa como sistemas de significados são construídos dentro das culturas e como a religião é um sistema simbólico que acompanha a transformação da sociedade². Ela oferece uma estrutura de significados para as pessoas. Argumenta que a religião deve ser compreendida dentro do contexto cultural em que se insere, pois isso molda as crenças e práticas religiosas. Essa obra é fundamental para compreender religião, cultura e sociedade.

Em sua visão, a religião molda como as pessoas compreendem o mundo e como agem nele. Entende que as mudanças culturais não são estáticas, seus símbolos podem ser transformados conforme as condições sociais e históricas transformando em crenças religiosas.

Geertz entende cultura como um sistema de significados compartilhados, algo que deve ser interpretado; uma teia de significados produzidos pelos próprios homens, e a análise cultural deve ser, portanto, uma ciência interpretativa em busca de significado. Enfatiza que cultura não é apenas comportamento visível, mas o sentido que as pessoas dão às suas ações.

Na capítulo 4, o referido autor descreve religião como sistema cultural, dividindo seu pensamento em três subtemas em relação a esse assunto³:

¹ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. Pp. 65-91

² Ibid. p. 12.

³ Ibid. p. 65.

Sistema de símbolos: imagens, rituais, narrativas e metáforas.

Ordem de sentido: da coerência à experiência humana.

Aura de realidade: a religião convence por que apresenta seus símbolos como se fosse a própria realidade.

Em suma, o autor frisa que o impacto cultural molda pensamento, comportamento e religião, e as mudanças culturais transformam crenças religiosas⁴. Ele entende que a teologia está sempre em transformação, e que religião e teologia não existem fora da cultura, mas dentro dela, como sistema de significados que dão sentido à vida humana.

Peter Berger e Thomas Luckmann

Peter Berger, em *A Construção Social da Realidade*, explora como a religião e a cultura interagem para formar a realidade social. Para esses dois sociólogos austro-americanos, a sociedade resulta da construção social da realidade. Em miúdos, o modo cotidiano pelo qual o indivíduo define a sociedade, percebe as ações humanas e interage com as pessoas constrói o mundo social. Assim, a percepção dos sentidos em si é moldada pelos sentidos subjetivos atribuídos a uma experiência objetivamente vivida.

A realidade da vida cotidiana é socialmente construída através de processo de interação⁵, institucionalização⁶ e legitimação⁷.

As formas de conhecimento que tomamos como “reais” nascem de processos sociais contínuos de ação e interação humana, e depois se tornam objetos “externos” com força coercitiva sobre os indivíduos. A vida social é, portanto, uma ordem de significado que se cristaliza em instituições, rotinas e linguagens.

Segundo os autores, o cabedal social de conhecimento⁸ distingue a realidade segundo diferentes graus de familiaridade. Ele fornece informações detalhadas e complexas acerca dos setores da vida cotidiana com os quais há maior interação, enquanto oferece dados mais gerais e imprecisos sobre áreas menos próximas. Desse modo, o conhecimento que possuo acerca de minha própria ocupação e do seu contexto é extenso e específico, ao passo que meu

⁴ Ibid. p. 90.

⁵ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Pp. 46-53.

⁶ Ibid, pp. 69-126.

⁷ Ibid. pp. 126-172.

⁸ Esse conceito engloba tudo aquilo que a sociedade oferece aos indivíduos para interpretar, agir e se orientar no mundo social.

entendimento sobre os mundos profissionais de outras pessoas permanece incompleto e limitado.⁹

- 1: O estoque de conhecimento cultural que as pessoas herdaram e usam para interpretar o mundo – linguagem, rotina, técnicas e tradições.
- 2: Tipificações: tornam possíveis expectativas sobre o comportamento
- 3: Legitimação: processos simbólicos que justificam e sustentam a ordem social (mitos, ciência, religião e direito). Legitimar torna a ordem aceita e estável.
- 4: Institucionalização: o processo pelo qual padrões repetitivos ganham status institucionais (rotinas tornam-se regras, cargos tornam-se autoridade)
- 5: Hábitos cotidianos: hábitos institucionais que tornam a vida previsível; a rotina é fundamental para sustentar a percepção de continuidade e ordem no mundo social.
- 6: Conhecimento tácito vs conhecimento explícito: Muito do que “sabemos” socialmente não é explícito, mas é transmitido por socialização.

Em relação ao processo social, os autores ressaltam que,

“Sendo a sociedade uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, qualquer compreensão teórica adequada a ela deve abranger ambos os aspectos. Conforme já foi mencionado, esses aspectos recebem correto reconhecimento se a sociedade for entendida em termos de um processo dialético em curso, com três momentos: exteriorização, objetivação e internalização. No que diz respeito ao fenômeno social, esses momentos não devem ser pensados como ocorrendo em uma sequência temporal; ao contrário, a sociedade e cada uma de suas partes são simultaneamente caracterizadas por esses três momentos, de modo que qualquer análise que considere apenas um ou dois deles é insuficiente. O mesmo se aplica a um membro individual da sociedade, que simultaneamente exterioriza seu próprio ser no mundo social e internaliza este último como realidade objetiva. Em outras palavras, estar em sociedade significa participar da dialética da sociedade”.¹⁰

Os três momentos que se refere os autores: exteriorização, objetivação e internalização é um ciclo, a sociedade cria conhecimento, e o conhecimento recria a sociedade.

⁹ Ibid, p. 64.

¹⁰ Os indivíduos, por meio de suas ações, projetam significados no mundo (criando produtos culturais, linguísticos e institucionais). Aquilo que foi externalizado ganha natureza objetiva-costumes, regras e instituições aparecem como fatos “lá fora”, independentes do autor original. Tornam-se “coisas” sociais. Os indivíduos incorporam essa realidade social objetiva como parte do seu mundo subjetivo-as instituições e significados condicionam a experiência e as ações futuras. Ibid. p. 173.

Para os autores, a religião, de maneira paradigmática, funciona como um mecanismo de legitimação, pois fornece um cobertor de sentido que explica, estabiliza e sacraliza a ordem social; oferece respostas cosmológicas e morais que ajudam a internalizar e produzir a realidade social.

Paul Tillich

Paul Tillich é um teólogo e filósofo que argumenta que a religião e a cultura estão intimamente interligadas. Em sua obra *A Teologia Sistemática*, Tillich propõe que a teologia deve dialogar com a cultura para ser relevante. Ele afirma que a cultura expressa as preocupações existenciais humanas e, portanto, a religião deve responder a essas preocupações. Tillich introduz a ideia de que a fé pode ser uma força que transforma a cultura, mas também é influenciada por ela.

Essa obra de Tillich ressalta que,

- 1: Transformação cultural: mostra que a teologia só é viva quando dialoga com a cultura em constante mudança
- 2: Religião e sociedade: sua visão ajuda a compreender como as crenças religiosas se adaptam as crises existenciais modernas (secularização¹¹, pluralismo¹² e niilismo¹³).
- 3: Interdisciplinaridade: ele conecta filosofia, psicologia, sociologia, artes e teologia, mostrando que a fé cristã responde as inquietações do ser humano em todas as áreas.

Para Tillich a fé busca dialogar com a condição humana e a espiritualidade não é algo apartado da cultura, mas se manifesta em todas as dimensões da vida (arte, ciência, ética e convívio social). O espírito cria comunhão, sentido e fortalece a fé.

Conexão entre Tillich e Berger

- 1: Religião como linguagem simbólica do humano:

Religião em termos de símbolos e preocupação última; (Tillich)

Religião como um sistema que sacraliza a ordem social; (Berger)

¹¹ Refere-se ao processo pelo qual a religião perde influência direta sobre a vida cotidiana, cultura e instituições, tornando-se menos central na sociedade. Tillich vê a secularização como uma mudança cultural inevitável, mas não necessariamente como algo negativo; ela transforma a expressão da fé, que precisa se ajustar ao mundo moderno. TILLICH, Paul. **Teologia sistemática** 7ª edição revista, sinodal 2014, pp. 158,554,809,810. v.1.v.2.v.3

¹² está relacionado à diversidade de crenças, religiões e sistemas de significado presentes na cultura humana. Ele percebe que, em sociedades modernas, as pessoas têm acesso a múltiplas tradições religiosas, filosofias e visões de mundo, o que cria um ambiente cultural plural. Ibid, pp. 89,180,238. v.1.v.2

¹³ o niilismo, para Tillich, é a percepção do vazio último da vida, e sua superação está ligada à experiência de fé profunda, que reconecta o ser humano com o significado e fundamento último da realidade. Ibid, p.311. v.2

Ambos reconhecem que a religião funciona por símbolos e linguagens que tornam inteligíveis aspectos fundamentais da existência humana

2: Cultura como veículo de sentido:

A revelação religiosa sempre vem na linguagem da cultura segundo Tillich.

Explica como os significados culturais são construídos e cristalizados segundo Berger

Teologia em diálogo com a cultura (Tillich)

Religião como construção social (Berger)

Conexão entre Tillich, Berger e Geertz

1: Cultura

Para Berger e Geertz: o homem vive em mundos de sentido e que compreender o social exige interpretar esses sentidos.

Mudança cultural muda “nomos” e legitimação (novas mídias, secularização e movimentos sociais), as instituições religiosas perdem ou precisam renovar reconhecimento legitimadores.

Berger fornece o quadro causal, Geertz indica como estudar as transformações simbólicas em profundidade. E Tillich oferece categorização teológica para avaliar responsabilidade normativa (reinterpretação do símbolo).

2: Hibridismo simbólico: prática religiosa contemporânea incorporam elementos culturais novos (consumo, celebridade e tecnologia) – em Geertz símbolos e em Berger institucionalização de novas tipificações

3: Resiliência e deslegitimação:

Berger: ajuda entender por que certas doutrinas se mantêm (legitimação múltipla) enquanto outras colapsam quando perdem apoio institucional.

Tillich: pode ser usado para disciplinar a relevância teológica: como a teologia responde a novas condições existenciais

Alinhamento entre os referidos autores

Peter Berger (A Construção Social da Realidade) demonstra que a realidade social, incluindo a religião, é historicamente construída pelos seres humanos e, uma vez estabelecida, retorna sobre eles como estrutura coercitiva, conferindo ordem e sentido às experiências cotidianas. Clifford Geertz (A Interpretação das Culturas) complementa essa visão, mostrando que os símbolos — rituais, objetos, práticas e narrativas — são expressões densas de

significados culturais, compreensíveis plenamente apenas no contexto em que surgem, revelando a lógica interna das instituições e práticas sociais. Paul Tillich (Teologia Sistemática) acrescenta que a dimensão religiosa não se esgota no aspecto social; os símbolos apontam para o “último”, exigindo que a teologia dialogue com a historicidade das formas de expressão da fé e com as perguntas existenciais do ser humano.

A integração dessas perspectivas permite compreender a religião como fenômeno socialmente construído, simbolicamente interpretado e teologicamente significativo, articulando a coerção social, a densidade simbólica e a referência ao transcendente.

Conceito de teologia

Para Tillich, a teologia é uma disciplina que busca correlacionar a mensagem cristã com as questões existenciais do ser humano. Ela não é simplesmente repetição de dogmas, mas um esforço de interpretação viva e atualizada da fé, de modo a manter sua relevância diante das mudanças culturais e filosóficas de cada época.

Tillich define teologia como:

“A explicitação, de forma sistemática, daquilo que a fé cristã afirma sobre o ser humano, o mundo e Deus, correlacionando essas afirmações com as perguntas existenciais que emergem da condição humana baseado em suas experiências religiosas.”.¹⁴

O autor também relata que:

“A experiência religiosa do ser humano só poderia se tomar uma fonte independente da teologia sistemática se o ser humano estivesse unido à fonte de toda experiência religiosa, o poder Espiritual que habita nele. Só se o seu espírito e o Espírito divino nele fossem uma só realidade, sua experiência poderia ter caráter revelador”.¹⁵

Ou seja, a teologia não parte apenas da doutrina, mas do encontro entre fé e existência, articulando a verdade cristã com as inquietações humanas.

Tillich chama isso de “método da correlação”, que consiste em relacionar as questões da existência (angústia, sentido, morte, liberdade, alienação) com as respostas do conteúdo da fé (revelação, salvação, Cristo, Espírito). Assim, a teologia se torna dinâmica, em diálogo constante com a realidade cultural e histórica.

Em resumo, para Tillich:

¹⁴ Ibid. pp. 59-61.

¹⁵ Ibid. p. 61.

A tarefa da teologia é interpretar a fé cristã para cada geração.

A teologia deve dialogar com a cultura sem perder sua base na mensagem cristã.

Seu objetivo é mostrar a relevância existencial da fé para a vida humana.

Teologia em transformação na sociedade atual significa:

A teologia de transformação na sociedade contemporânea é uma abordagem dinâmica e contextualizada, capaz de dialogar com a cultura e os desafios do presente. Ela interpreta e traduz a fé cristã diante das mudanças sociais, culturais e científicas, sem se limitar a reagir às transformações, mas atuando de forma profética e prática para transformar a sociedade. Além disso, reconhece e acompanha a evolução das próprias formas de crer, adaptando-se a um mundo plural e globalizado. Podemos citar quatro pontos para definir a sua significação.

1: Teologia em diálogo com a cultura

A sociedade contemporânea é marcada por rápidas transformações decorrentes da globalização, do avanço tecnológico, do pluralismo religioso, da secularização e das mudanças de valores ligados à família, ética e espiritualidade. Essas transformações impactam diretamente a forma como a religião é compreendida e vivida, exigindo que a teologia dialogue com novos contextos culturais. Nesse cenário, torna-se essencial compreender como os fenômenos sociais moldam as crenças religiosas e, ao mesmo tempo, como a religião atua na construção de sentido para a vida humana.

Nesse sentido, a análise de Berger e Luckmann é fundamental, pois, na obra “A Construção Social da Realidade”, os autores mostram que a religião não é apenas uma experiência individual, mas parte do processo de institucionalização da sociedade. Eles afirmam que “a religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas”¹⁶. Essa afirmação mostra como as crenças religiosas oferecem estabilidade diante das mudanças sociais, mas também se encontram em constante processo de ressignificação, uma vez que a realidade social é construída e reconstruída continuamente.

Paul Tillich, em sua Teologia Sistemática, destaca a necessidade de a teologia ser contextual, respondendo às questões que emergem em cada época histórica. Para ele, “a teologia deve sempre correlacionar as perguntas existenciais do ser humano com as respostas oferecidas

¹⁶ BERGER; LUCKMANN. op. cit. p. 45

pela mensagem cristã”¹⁷. Essa perspectiva mostra que a teologia não pode permanecer estática diante das transformações contemporâneas, mas deve reinterpretar a fé de modo a dialogar com a secularização, o pluralismo religioso e os novos desafios éticos e culturais.

Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas*, contribui para esse debate ao compreender a religião como um sistema simbólico que orienta a ação humana e confere sentido às experiências de vida. Segundo ele, a religião “atua estabelecendo disposições e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos homens, formuladas em concepções de uma ordem geral da existência”¹⁸. Isso revela que, mesmo em uma sociedade plural e secularizada, a religião continua desempenhando papel central na interpretação da realidade, ainda que em novos formatos e expressões.

Portanto, ao considerar as rápidas transformações da sociedade contemporânea, é possível perceber que a teologia precisa assumir um caráter de transformação e diálogo, articulando-se com os processos culturais e sociais. A contribuição de Berger e Luckmann mostra como a religião participa do processo de construção social; Tillich evidencia a necessidade de uma teologia correlativa, capaz de responder aos desafios do presente; e Geertz demonstra como a religião, como sistema simbólico, mantém sua função de atribuir sentido à vida humana. Assim, a teologia na contemporaneidade deve ser entendida como dinâmica, em constante interação com os contextos históricos, sociais e culturais que moldam a experiência religiosa.

2: Teologia como resposta às mudanças culturais

A teologia contemporânea enfrenta o desafio de permanecer fiel ao núcleo essencial da fé cristã, ao mesmo tempo em que precisa dialogar com os novos contextos sociais, culturais e científicos. Não se trata, portanto, de modificar o conteúdo fundamental da fé, mas de traduzir o Evangelho em linguagens compreensíveis e relevantes para uma sociedade marcada por dilemas como a bioética, a inteligência artificial, o consumismo, as questões ambientais e de gênero. Essa tarefa insere a teologia em um movimento dinâmico de reflexão e transformação, no qual a mensagem cristã precisa ser constantemente reinterpretada sem perder sua essência.

Nesse horizonte, Paul Tillich oferece uma contribuição decisiva. Em sua *Teologia Sistemática*, ele afirma que a teologia deve sempre correlacionar as perguntas existenciais do ser humano com as respostas oferecidas pela mensagem cristã. Isso significa que o Evangelho, enquanto conteúdo eterno, não pode ser compreendido de modo isolado da realidade histórica

¹⁷ TILLICH. op. cit. pp. 58-62.

¹⁸ GEERTZ. op. cit. pp. 66-68

e cultural. Requer abertura para o novo, “estar aberto a novas experiências, que podem inclusive ultrapassar os limites da experiência cristã.”¹⁹

Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas*, acrescenta uma dimensão simbólica e antropológica a essa reflexão. Para ele, a religião “atua estabelecendo disposições e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos homens, formuladas em concepções de uma ordem geral da existência”²⁰. Isso mostra que a religião funciona como um sistema simbólico que ajuda os indivíduos a encontrar sentido diante dos dilemas existenciais e éticos. No mundo contemporâneo, marcado pelo consumismo, pela revolução tecnológica e pelos debates de gênero e sustentabilidade, o papel da teologia é oferecer novas interpretações que mantenham a mensagem cristã significativa.

Portanto, a teologia de transformação não busca alterar a essência da fé, mas garantir que o Evangelho seja compreensível e aplicável às novas realidades humanas. Tillich aponta a necessidade da correlação entre fé e existência; e Geertz evidencia que a religião atua como sistema simbólico que deve ser continuamente atualizado para manter sua relevância cultural. Assim, pensar a fé diante da bioética, da inteligência artificial, do consumismo, das questões ambientais e de gênero significa afirmar que o Evangelho permanece o mesmo, mas precisa ser traduzido em categorias contemporâneas, tornando-se resposta viva para os dilemas do presente.

3: Transformação da própria sociedade

A teologia contemporânea não se limita ao esforço de adaptação diante das mudanças culturais e sociais. Mais do que isso, ela assume um caráter transformador, compreendendo a mensagem cristã não apenas como uma reflexão teórica, mas como uma práxis, isto é, uma ação que transforma a realidade em direção à justiça, à paz, à reconciliação e à dignidade humana. Esse aspecto evidencia que a teologia não deve restringir-se à interpretação das Escrituras em termos abstratos, mas deve atuar como força concreta de renovação da vida social e espiritual.

Paul Tillich, em sua *Teologia Sistemática*, já apontava que a fé cristã não pode ser reduzida a conceitos estáticos, mas precisa responder às questões existenciais e históricas do ser humano. Ele afirma que “a teologia deve sempre correlacionar as perguntas existenciais do ser humano e de respostas teológicas em interdependência mutua.”²¹. Essa correlação não é apenas intelectual, mas prática, pois a mensagem cristã oferece fundamentos para a

¹⁹ TILLICH. op. cit. p. 60.

²⁰ GEERTZ. op. cit. pp. 66-68.

²¹ TILLICH. op. cit. p. 74.

transformação da realidade concreta, orientando a ação diante da injustiça, da desigualdade e da desumanização.

Clifford Geertz, ao conceber a religião como sistema simbólico, também ilumina essa perspectiva transformadora. Para ele, a religião “atua estabelecendo disposições e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos homens, formuladas em concepções de uma ordem geral da existência”²². A religião, nesse sentido, não apenas interpreta o mundo, mas mobiliza práticas concretas que afetam a vida social. Na América Latina, essa concepção ganhou expressão na teologia da libertação, que interpreta o Evangelho como força de mudança estrutural e prática de libertação frente à opressão, articulando fé e compromisso político-social.

A compreensão da religião como força mobilizadora de transformação social encontra profunda ressonância no pensamento de Leonardo Boff, especialmente em sua obra *Igreja: Carisma e Poder*, na edição que inclui os documentos da polêmica com o Vaticano. Nesse livro, Boff propõe uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e autoridade dentro da igreja católica, argumentando que a institucionalização excessiva e a centralização hierárquica acabam por sufocar a dimensão carismática da fé, isto é, a ação livre e criativa do Espírito que impulsiona a comunidade cristã à libertação e ao serviço²³.

Nessa perspectiva, a igreja é chamada a redescobrir sua vocação original: ser sinal do reino de Deus no mundo, não por meio do domínio, mas pelo testemunho, pelo serviço e pela comunhão. Boff sustenta que a fé cristã, quando vivida a partir do carisma e da solidariedade, torna-se uma força histórica capaz de transformar as condições sociais injustas. Essa concepção se articula com o movimento da teologia da libertação, que entende o evangelho como prática concreta de libertação diante das estruturas de opressão.

Ao defender essa visão, Boff enfatiza que a religião não pode permanecer restrita ao âmbito espiritual ou institucional, mas deve atuar como potência ética e política, comprometida com a dignidade humana e com a superação das desigualdades²⁴. Assim, sua teologia apresenta a igreja como comunidade profética, chamada a unir fé e prática libertadora, interpretando o evangelho como dinamismo transformador da história.

Assim, a teologia contemporânea, quando compreendida como teologia de transformação, não se reduz a uma postura adaptativa às mudanças culturais, mas assume um papel ativo na reconstrução da sociedade.

²² GEERTZ. op. cit. p. 72.

²³ BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. p. 70.

²⁴ Ibid. p. 189.

4: Transformação da experiência religiosa

A teologia contemporânea não apenas observa as transformações sociais, mas também reflete sobre as mudanças internas à própria experiência religiosa. Uma das características mais marcantes da modernidade tardia é a transição do religioso institucional, centrado em estruturas organizadas, como igrejas tradicionais e sistemas dogmáticos para formas de religiosidade mais subjetivas, plurais e espiritualizadas. Esse processo revela uma reconfiguração da crença, em que a espiritualidade se torna mais personalizada, flexível e adaptada às experiências individuais, sem necessariamente se desligar de suas raízes religiosas históricas.

Nesse sentido, Peter Berger e Thomas Luckmann ajudam a compreender a dinâmica dessa mudança ao afirmar que a vida cotidiana, incluindo a religião, é constantemente construída e reconstruída. Em *A Construção Social da Realidade*, os autores destacam que “todos os mundos socialmente construídos são intrinsecamente precários”²⁵. Isso significa que, embora as instituições religiosas pareçam sólidas, elas estão sujeitas a transformações contínuas, abrindo espaço para novas formas de vivência da fé que escapam ao controle institucional. Explicitam que,

O teatro fornece uma excelente ilustração desta atividade lúdica por parte dos adultos. A transição entre as realidades é marcada pelo levantamento e pela descida do pano. Quando o pano se levanta, o espectador é ‘transportado para um outro mundo’ com seus próprios significados e uma ordem que pode ter relação, ou não, com a ordem da vida cotidiana. Quando o pano desce, o espectador “retorna à realidade”, isto é, à realidade predominante da vida cotidiana, em comparação com a qual a realidade apresentada no palco aparece agora tênue e efêmera, por mais vivida que tenha sido a representação alguns poucos momentos antes.²⁶

Paul Tillich, em sua *Teologia Sistemática*, reforça a necessidade de uma teologia capaz de dialogar com essa nova configuração da religiosidade. Para ele, a tarefa da teologia é correlacionar a mensagem cristã com as perguntas existenciais do homem em cada tempo. Tillich afirma que “a teologia deve sempre correlacionar as perguntas existenciais do ser humano com as respostas oferecidas pela mensagem cristã”²⁷. Isso significa que, diante de uma espiritualidade mais subjetiva e plural, a teologia de transformação não pode simplesmente reafirmar dogmas institucionais, mas precisa reinterpretar a fé de maneira que dialogue com as novas formas de busca espiritual.

²⁵ BERGER; LUCKMANN. op. cit. p. 141.

²⁶ BERGER; LUCKMANN. op. cit p. 43.

²⁷ TILlich. op. cit. p. 77.

Clifford Geertz, por sua vez, oferece uma chave interpretativa ao compreender a religião como um sistema simbólico. Segundo ele, a religião “atua estabelecendo disposições e motivações poderosas, penetrantes e duradouras nos homens”²⁸. Essa dimensão simbólica mostra que, mesmo quando a vivência religiosa se torna mais subjetiva, ela continua fornecendo sentidos que orientam a vida humana. A diferença é que, na contemporaneidade, tais símbolos não estão necessariamente vinculados a instituições tradicionais, mas podem ser apropriados e reinterpretados no âmbito da experiência individual e comunitária plural.

A obra *Teologia da Libertação: Perspectivas*, de Gustavo Gutiérrez, propõe uma nova forma de compreender a relação entre fé e realidade histórica, partindo da experiência concreta dos pobres e oprimidos como locus teológico²⁹. Para o autor, a teologia não é uma reflexão abstrata, mas uma reflexão crítica da práxis histórica à luz da fé³⁰, isto é, uma interpretação da experiência humana marcada pela busca de libertação integral. Nessa perspectiva, o ato teológico nasce da prática transformadora e se volta para ela, numa circularidade entre ação e compreensão.

Essa concepção pode ser relacionada à abordagem antropológica de Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas*, para quem a cultura é um sistema de significados compartilhados, e o trabalho das ciências humanas consiste em interpretar as teias de sentido que orientam a vida social. Assim como Geertz entende que a interpretação cultural deve partir da experiência vivida e dos símbolos que a estruturam, Gutiérrez propõe que a teologia parta das experiências concretas de opressão e de esperança presentes na história dos povos latino-americanos. Em ambos os casos, o conhecimento é uma leitura situada da realidade, mediada por valores, práticas e significados produzidos coletivamente.

A teologia da libertação pode ser vista como uma “hermenêutica da fé” em diálogo com a realidade social, do mesmo modo que Geertz entende a antropologia como uma “hermenêutica da cultura”. Ambas as perspectivas rejeitam a neutralidade do observador e afirmam que compreender o humano é interpretar suas práticas e símbolos à luz de um contexto histórico e social. Desse modo, tanto Gutiérrez quanto Geertz reconhecem que todo saber é, antes de tudo, uma forma de interpretação, seja da cultura, seja da fé encarnada na história.

Portanto, a teologia de transformação acompanha a reconfiguração da crença na contemporaneidade, reconhecendo que a fé não se esgota nas formas institucionais, mas se reinventa em expressões espirituais diversas e contextualizadas. À luz de Berger, Tillich, Geertz

²⁸ GEERTZ. op. cit. p. 67.

²⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1986. p.211.

³⁰ Ibid. p. 270.

e Gutiérrez, pode-se compreender que a tarefa teológica atual se configura como dupla: de um lado, preservar a essência do evangelho, seu núcleo de sentido e transcendência, e, de outro, reinterpretá-lo de modo que dialogue com as novas expressões culturais e espirituais do mundo plural. Essa síntese, inspirada nas análises sociológicas, antropológicas e teológicas desses autores, evidencia que a teologia contemporânea não pode limitar-se à repetição de fórmulas dogmáticas, mas deve permanecer fiel à sua origem enquanto se renova no encontro com a experiência humana em constante mutação.

A igreja, a teologia e a cultura

A teologia nasce da revelação de Deus com a situação humana e tem como objetivo compreender e comunicar essa verdade divina³¹; já a cultura é o ambiente humano em que essa fé é vivida, expressa e transmitida. Dessa forma, a igreja existe entre esses dois campos: o espiritual e o humano, sendo de origem divina, mas manifestando-se dentro das condições culturais de cada tempo e lugar.³²

A igreja sempre surge dentro de uma cultura específica, utilizando sua linguagem, símbolos e formas de organização, mas sua essência não deve ser confundida com esses elementos culturais. A igreja é espiritual na sua essência, e as estruturas humanas ou institucionais, como denominações, prédios e sistemas administrativos pertencem ao domínio da cultura, não à sua verdadeira identidade. O perigo está em transformar o que é cultural em algo sagrado, confundindo a forma com o conteúdo da fé.³³

A teologia, portanto, precisa interpretar a revelação divina dentro do contexto cultural, traduzindo o evangelho de maneira que as pessoas compreendam, sem alterar sua mensagem central. A cultura muda, mas a verdade revelada permanece a mesma. O papel da teologia é manter o equilíbrio: deve dialogar com a cultura, compreender seus valores e desafios, mas sem se submeter a ela. Quando a igreja se adapta demais, perde sua identidade espiritual; quando se fecha completamente, torna-se irrelevante para o mundo.³⁴

A cultura, vista sob essa perspectiva, não é inimiga da fé, mas o espaço em que a ação de Deus acontece. A missão da igreja é viver e comunicar o evangelho dentro da cultura, discernindo o que nela está de acordo ou em oposição ao Reino de Deus e buscando transformá-

³¹ TILLICH. op. cit. p. 76.

³² MIRANDA, Mário. As mudanças socioculturais e a igreja no Brasil. **Encontros Teológicos**, rio de janeiro, n. 57. p. 17

³³ HOWARD, Snyder. **A igreja e a cultura**. disponível em: <https://revistaimpacto.com.br/wp-content/uploads/2013/06/A-Igreja-e-a-Cultura.pdf> (acesso dia 07/11/2025 às 20:14h)

³⁴ Ibid. p. 4.

la com os valores do amor, da justiça e da verdade. Assim, a teologia serve como guia para a igreja atuar no mundo de forma fiel à revelação bíblica e, ao mesmo tempo, significativa para cada sociedade.

A teologia e cultura devem caminhar juntas: a primeira orienta a fé e preserva sua essência; a segunda oferece o contexto onde essa fé se manifesta. A igreja, portanto, é chamada a ser presença viva de Deus na história, encarnando a mensagem do evangelho em cada cultura sem se deixar dominar por ela. O autor Howard A. Snyder, em seu livro “o problema dos odres” diz que “A igreja é, então, a comunidade do povo de Deus. É um organismo carismático estabelecido por Deus como o agente do seu plano para a história humana. Assim ela tem valor transcultural e pode ser implantada e cultivada em qualquer cultura humana³⁵”.

A igreja, a sociedade e o estado

A reflexão sobre o papel da igreja na sociedade contemporânea exige compreender o modo como a realidade social, cultural e religiosa se transforma historicamente. Nesse sentido, é possível estabelecer um diálogo fecundo entre as análises teológicas de Mário de França Miranda e as contribuições sociológicas de Peter Berger e Thomas Luckmann. Ambos partem do reconhecimento de que a realidade - inclusive a realidade religiosa - não é estática, mas resultado de um processo dinâmico de construção, reconstrução e legitimação de sentidos no interior da vida social.

Em *A Construção Social da Realidade*, Berger e Luckmann defendem que a sociedade é produto de um processo dialético contínuo entre o ser humano e o mundo social, composto por três momentos fundamentais: exteriorização, objetivação e interiorização³⁶. Através desse movimento, os indivíduos criam instituições, significados e normas que, com o tempo, se objetivam como realidades exteriores e coercitivas. A religião, nesse contexto, desempenha um papel decisivo ao legitimar a ordem social e conferir-lhe um “cobertor de sentido” que explica e estabiliza a existência humana. Em outras palavras, a religião fornece uma estrutura simbólica que permite aos indivíduos compreenderem e aceitarem o mundo em que vivem, dando-lhe uma dimensão de transcendência.

De modo semelhante, Mário de França Miranda reconhece que a Igreja, enquanto instituição histórica, está inserida na sociedade e, portanto, sujeita às transformações culturais e sociais de cada época. Para o autor, vivemos o fim da “época da cristandade”, quando a fé

³⁵ SNYDER, Howard. **The problem of wineskins**: church structure in a technological age. 40. ed. Tennessee: Sementeira, 2017. cap. 12. p. 201.

³⁶ BERGER; LUCKMANN. op. cit. Pp. 46-176

cristã determinava a cosmovisão e os valores sociais. A atual sociedade pluralista e secularizada desafia a igreja a reinterpretar sua missão e a renovar suas práticas, linguagens e estruturas internas. Essa adaptação não significa perda da essência cristã, mas a necessidade de reconstruir socialmente a presença da fé num novo contexto cultural - exatamente o que Berger e Luckmann descrevem como o processo pelo qual as instituições religiosas precisam ser continuamente relegitimadas diante das mudanças da realidade social.

Assim como Berger e Luckmann observam que toda ordem social precisa ser sustentada por processos simbólicos de legitimação, Miranda entende que a igreja, para permanecer fiel ao evangelho, deve repensar sua forma de atuação e sua própria eclesiologia à luz dos desafios contemporâneos³⁷. A reforma promovida pelo Papa Francisco, nesse sentido, representa a busca por uma igreja mais simples, pobre e próxima do povo - uma instituição que reencontra sua legitimidade não no poder ou no prestígio, mas na vivência concreta da fé, no testemunho e no serviço. Trata-se de um movimento de desinstitucionalização simbólica, em que a autoridade e a fé se reconectam com a vida cotidiana dos fiéis, recuperando a autenticidade evangélica.

A convergência entre esses autores se manifesta, portanto, na compreensão de que tanto a religião quanto a igreja são realidades sociais em constante construção. Se Berger e Luckmann enfatizam que a sociedade e suas instituições são produtos de interações humanas que precisam ser permanentemente reafirmadas e legitimadas, Miranda aplica esse mesmo princípio à teologia e à vida eclesial. A igreja, como realidade humana e divina, deve ser constantemente recriada no diálogo com a cultura, com a história e com as transformações sociais, sem perder de vista sua origem no testemunho de Jesus Cristo³⁸.

A partir do diálogo entre Mário de França Miranda, Peter Berger e Thomas Luckmann, é possível afirmar que a fé e a Igreja são construções sociais e históricas que necessitam de constante renovação simbólica e prática. A sociedade muda, e a Igreja, inserida nela, é chamada a reinterpretar a mensagem cristã para que esta continue a oferecer sentido num mundo plural, secularizado e em permanente transformação. Assim, o processo de reconstrução da realidade social descrito por Berger e Luckmann encontra eco na teologia de Miranda, que entende a Igreja como uma comunidade viva, histórica e dinâmica, cuja missão é testemunhar o Evangelho em diálogo com as realidades humanas de cada tempo.

O papel da igreja na sociedade

³⁷ _____. Eclesiologia contemporânea: a Igreja em transformação. *fronteiras - revista de teologia da unicap*, Recife, p. 6-8, 1 dez. 2019.

³⁸ Ibid. p. 11.

A igreja, como instituição social e religiosa, desempenha um papel fundamental na construção e manutenção dos valores que orientam a vida coletiva. Ao longo da história, ela contribuiu para a formação ética das sociedades, difundindo princípios como solidariedade, responsabilidade, justiça e respeito à dignidade humana.

Ao refletir sobre o papel da igreja na sociedade, é essencial reconhecer que a humanidade, por si só, possui limitações e não alcança transformação profunda apenas por meio de sua própria sabedoria ou recursos. A visão bíblica afirma que somos seres imperfeitos e que a verdadeira cura, tanto individual quanto coletiva, depende de uma relação de dependência de Deus. Nesse sentido, a igreja tem a responsabilidade de orientar a sociedade a olhar além de soluções puramente humanas e reconhecer que mudanças duradouras começam no interior do ser, com humildade, fé e arrependimento.

O desenvolvimento saudável da vida social acontece quando as pessoas vivem em obediência aos princípios divinos. A lógica humana muitas vezes acredita que conhecimento, técnicas e estratégias podem resolver todos os problemas, mas a fé cristã ensina que a transformação acontece quando Deus intervém na história e guia aqueles que se dispõem a seguir sua vontade. A bíblia funciona como um manual de instruções para uma vida equilibrada, pois o criador conhece profundamente a natureza humana. Assim, quando a igreja conduz as pessoas a buscar a Deus, a praticar seus ensinamentos e a viver de acordo com sua palavra, inicia-se um processo autêntico de restauração e mudança, não pela força humana, mas pela ação divina.³⁹

A igreja exerce importante função de apoio às populações vulneráveis. Por meio de ações de caridade, projetos sociais, campanhas de arrecadação, acompanhamento psicológico e espiritual, ela se apresenta como espaço de acolhimento e cuidado. Em muitas localidades, sobretudo em regiões de menor acesso a políticas públicas, a atuação eclesial supre carências fundamentais, oferecendo suporte material e emocional que contribui significativamente para o bem-estar da comunidade. Desta forma, a teologia prática pode se tomar uma ponte entre a mensagem cristã e a situação humana.⁴⁰

A igreja funciona como mediadora de relações e promotora de paz. Sua presença em contextos de conflito, sejam eles familiares, comunitários ou até mesmo sociais, possibilita a criação de ambientes de diálogo, perdão e reconciliação. A prática pastoral, baseada em

³⁹ MOFFITT, Bob. **O papel da igreja na sociedade**. Guia do participante, Street Phoenix, AZ, 2007.p. 8.

⁴⁰ TILLICH. op. cit. p. 49.

princípios cristãos de amor e empatia, auxilia na resolução pacífica de tensões e no fortalecimento da convivência harmoniosa.

Culturalmente, a igreja também exerce influência marcante. Suas tradições, rituais, celebrações e símbolos compõem parte relevante do patrimônio cultural de diversas sociedades. Festas religiosas, músicas, práticas devocionais e arquiteturas eclesiais moldam identidades e preservam memórias que atravessam gerações.

No contexto contemporâneo, caracterizado pela diversidade religiosa e pela crescente secularização, a igreja enfrenta desafios que exigem diálogo com novos paradigmas sociais, científicos e éticos. Ainda assim, permanece como importante fonte de sentido, oferecendo amparo espiritual, reflexão e esperança em meio às incertezas do mundo atual.

Infelizmente, muitas igrejas se desviaram dos caminhos bíblicos e precisam refletir sobre a importância de retornar para esses ensinamentos, isso é fundamental para que ela exerça um impacto real e transformador na sociedade. Quando a Igreja se distancia dos princípios das escrituras, ela perde sua identidade espiritual, sua autoridade moral e sua capacidade profética de confrontar a injustiça e apontar o caminho da verdade. Ao voltar à centralidade da palavra de Deus, buscando fidelidade, obediência, arrependimento e compromisso com o evangelho, a igreja recupera sua missão original de iluminar o mundo, servir ao próximo e anunciar esperança. Somente enraizada nos valores bíblicos a igreja se torna capaz de oferecer direção em meio ao caos, trazer cura onde há feridas sociais e refletir o caráter de Cristo de maneira que impacte vidas, famílias e comunidades de forma genuína e duradoura.⁴¹

A Igreja Contemporânea

A igreja contemporânea pode ser compreendida como a expressão atual da comunidade cristã, moldada pelas transformações culturais, sociais e tecnológicas que caracterizam o século XXI. Diferentemente de modelos tradicionais fixados por estruturas rígidas e práticas litúrgicas históricas, a igreja contemporânea busca dialogar com a realidade presente, adaptando sua linguagem, métodos e estratégias de comunicação sem, contudo, perder a essência doutrinária derivada das escrituras. Ela se apresenta como uma instituição em constante processo de contextualização, propondo novas abordagens pastorais, musicais, pedagógicas e organizacionais, a fim de tornar a mensagem cristã relevante em um cenário marcado pelo pluralismo religioso, pela secularização e pelo avanço das mídias digitais.

⁴¹ GIMENES, Diógenes. **Uma história da igreja primitiva & uma história da igreja atual**: Uma leitura da igreja atual a luz da igreja primitiva. São Paulo. 2017. pp. 28-37.

Do ponto de vista teológico e sociológico, a igreja contemporânea enfrenta o desafio de equilibrar inovação e fidelidade bíblica. Enquanto procura atender às demandas emocionais, relacionais e existenciais de uma geração influenciada pela tecnologia, pelo individualismo e pela velocidade da informação, a igreja é chamada a manter sua identidade como comunidade de fé, lugar de discipulado e espaço de formação espiritual. Assim, ao mesmo tempo em que utiliza recursos multimídia, modelos de culto mais dinâmicos e estratégias de inserção social, ela precisa preservar seu caráter profético, seu compromisso ético e sua responsabilidade missionária. Sua relevância depende da capacidade de dialogar com o mundo atual sem se conformar a ele, reafirmando sua função de anunciar o evangelho, promover comunhão e contribuir para a transformação integral do ser humano e da sociedade.

A igreja contemporânea encontra-se imersa em um contexto de rápidas transformações culturais, sociais e teológicas, que colocam à prova sua fidelidade ao evangelho e sua capacidade de discernimento diante do pluralismo religioso, do relativismo moral e das influências seculares. Além dos desafios externos, as tensões internas, como disputas doutrinárias e a incorporação acrítica de teorias e práticas modernas, têm exigido das comunidades cristãs um posicionamento sólido e fundamentado nas escrituras. Nesse cenário, torna-se essencial compreender como movimentos teológicos atuais, abordagens psicológicas e tendências de coaching têm impactado a vida e as práticas da igreja, bem como refletir sobre o papel do testemunho cristão em uma sociedade cada vez mais secularizada. Assim, destaca-se a necessidade de caminhos bíblicos que renovem a missão da igreja como agente de esperança, preservando sua unidade, vivendo em amor e reafirmando seu chamado para ser “sal da terra e luz do mundo” diante das pressões da contemporaneidade.⁴²

As boas-novas

A igreja de hoje é chamada a redescobrir a essência das boas-novas, compreendendo que a missão cristã no século XXI exige mais do que repetir fórmulas antigas: requer comunicar o evangelho como verdadeira notícia de esperança. Em uma sociedade marcada por pluralismo, secularização e mudanças culturais profundas, a evangelização tradicional do século passado muitas vezes deixa de soar como boa notícia, ora percebida como proselitismo, ora recebida com indiferença. Por isso, a igreja precisa reavaliar sua própria comunicação, perguntando-se honestamente se sua mensagem está, de fato, transmitindo a graça, a alegria e a transformação que o evangelho anuncia. O desafio não é adaptar o conteúdo, mas aprender a expressá-lo com

⁴² ROSA, Leonardo et al. *Eclesiologia: A natureza e o propósito da igreja*. Curitiba. 2025. p.p.105-106.

linguagem viva, relevante e acessível, como fizeram os apóstolos ao dialogar com contextos judaicos, gregos e romanos. Hoje, isso significa compreender o ambiente pluralista, dialogar com valores seculares e estabelecer pontes por meio de conceitos compreensíveis ao mundo contemporâneo, sem perder a fidelidade bíblica. Ser missional, portanto, exige que a igreja seja “bilíngue”: capaz de comunicar a verdade eterna de Cristo utilizando palavras, referências e argumentos que ressoem no coração das pessoas do nosso tempo. Nesse processo, as boas novas recuperam sua força original — não como uma mensagem distante ou antiquada, mas como anúncio vivo de justiça, paz, inclusão e reconciliação que transforma vidas e sociedades.⁴³

As boas-novas de Jesus representam o coração da fé cristã e expressam a mensagem transformadora que Deus oferece ao mundo por meio de Cristo. Elas anunciam que, em Jesus, o reino de Deus se aproxima, trazendo perdão, reconciliação e nova vida a todos os que creem. Mais do que uma doutrina ou um conjunto de valores morais, as boas-novas revelam o amor divino que resgata o ser humano de sua condição de pecado e o convida a experimentar uma relação viva e restauradora com Deus. Essa mensagem oferece esperança em meio ao caos, direção em meio à confusão e sentido em um mundo fragmentado. Ao proclamar que Jesus venceu o pecado, a morte e a culpa, o evangelho torna-se verdadeira boa notícia para todas as épocas: um convite para a transformação interior e para a construção de uma vida marcada pela graça, pela justiça e pela paz.⁴⁴

Conclusão:

O presente trabalho demonstrou que a religião, compreendida como um sistema cultural de organização e interpretação da realidade, desempenha papel fundamental na estruturação dos significados que orientam a vida social. A análise evidenciou que símbolos, rituais, narrativas e práticas religiosas constituem dispositivos interpretativos capazes de oferecer coerência à experiência humana, influenciar comportamentos e sustentar identidades individuais e coletivas.

Ao longo do estudo, verificou-se que o fenômeno religioso não pode ser reduzido a sua dimensão institucional, uma vez que envolve processos simbólicos complexos que permeiam a construção da subjetividade, a formação de valores e a elaboração de modelos de compreensão do mundo. Essa característica reforça a centralidade da religião como mediadora entre o

⁴³ CHRISTIAN, Christian. Discipulado e globalização: a necessidade de incluir todos. **Dentro e fora da igreja: Um novo modelo de missão para a pós-modernidade**. 2022. 18 pp. 9-12

⁴⁴ ENSINA, Jesus. **Boa Nova**. O que é segundo a bíblia. disponível em: <https://jesusnosensina.com/glossario/boa-nova-o-que-e-segundo-a-biblia/>. (acesso dia: 26/11/2025 às 00:18h)

indivíduo e o contexto sociocultural, permitindo a articulação entre questões existenciais e os referenciais de sentido compartilhados socialmente.

Esse trabalho mostrou que a religião apresenta capacidade de adaptação às transformações culturais contemporâneas, mantendo relevância na produção, reorganização e transmissão de significados. Essa dinâmica evidencia que, mesmo diante de mudanças sociais e da crescente pluralização das formas de crença, a experiência religiosa continua sendo elemento estruturante na interpretação da realidade e na orientação das práticas humanas.

Assim, conclui-se que a religião permanece como componente essencial dos processos culturais, atuando tanto na manutenção quanto na renovação dos sistemas simbólicos que orientam a ação social. Ao reconhecer sua complexidade e sua função interpretativa, este trabalho contribui para uma compreensão mais profunda e tecnicamente embasada do fenômeno religioso, destacando sua importância na formação da consciência social e na construção dos sentidos que sustentam a vida coletiva.

Referências bibliográficas:

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 247 p

BOFF, Leonardo. **Igreja**: carisma e poder. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. 367 p.

CHRISTIAN, Christian. Discipulado e globalização: a necessidade de incluir todos. **Dentro e fora da igreja**: Um novo modelo de missão para a pós-modernidade. 2022. 18 p.

ENSINA, Jesus. **Boa Nova**: O que é segundo a bíblia. disponível em: <https://jesusnosensina.com/glossario/boa-nova-o-que-e-segundo-a-biblia/>. (acesso dia: 23/11/2025 às 00:18h)

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2008. 323 p.

GIMENES, Diógenes. **Uma história da igreja primitiva & uma história da igreja atual**. Uma leitura da igreja atual a luz da igreja primitiva. São Paulo. 2017. 45 p.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 275 p.

HOWARD, Snyder. **A igreja e a cultura**. disponível em: <https://revistaimpacto.com.br/wp-content/uploads/2013/06/A-Igreja-e-a-Cultura.pdf> (acesso dia 07/11/2025 às 20:14h)

MIRANDA, Mário. As mudanças socioculturais e a igreja no Brasil. **Encontros teológicos**, Rio de Janeiro, n. 57. 2010. 20 p.

_____. **Eclesiologia contemporânea: a Igreja em transformação**. **Fronteiras - Revista de Teologia da unicap**, Recife. 2019.p. 6-8.

MOFFITT, Bob. **O papel da igreja na sociedade**. Guia do participante, Street Phoenix, AZ, 2007. 14 p.

SNYDER, Howard. **The problem of wineskins**: church structure in a technological age. 40. ed. Tennessee: Sementeira, 2017. cap. 12.

ROSA, Leonardo et al. **Eclesiologia**: A natureza e o propósito da igreja. Curitiba. FLMU, 2025. 130 p.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7^a edição revista. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. v. 1

_____. **Teologia sistemática.** 7ª edição revista. ed. São leopoldo: Sinodal, 2005. v. 2

_____. **Teologia sistemática.** 7ª edição revista. ed. São leopoldo: Sinodal, 2005. v. 3